1984: UMA VISÃO LINGUÍSTICA PARA O ENTENDIMENTO DA *NOVAFALA*¹

Celso Augusto Nunes da Conceição²

Resumo

O presente artigo oferece os fundamentos linguísticos para o entendimento da obra de Orwell, especialmente a *Novafala*, instrumento de poder criado por ele para o domínio de um povo, apresentando alguns exemplos extraídos dos diálogos e que podem ser cotejados com esses fundamentos. E finaliza com questionamentos para nortear discussões acadêmicas em salas de aula, seminários e outros lugares afins.

Palavras-chave: linguagem, língua, fala, *Novafala*, *Novalíngua*

Abstract

This article provides the linguistic foundations for understanding the work of Orwell, especially the *Newspeak*, an instrument of power created by him to the domain of people, bringing some examples from the dialogues that can be verified regarding its foundations. It ends with questions to guide academic discussions in classrooms, seminars and other similar places.

Keywords: language, language, speech, *Newspeak*

1. Introdução aos aspectos linguísticos em sua restrição significativa

Escrever um artigo sobre o livro 1984 com foco na questão linguística ficou, de certa forma, facilitada pelo instrumento idealizado por George Orwell com o qual o Estado controlaria o povo: a *Novafala*, traduzida do termo original *Newspeak* (*new*=nova; *speak*=fala), com a proposta de criar vocabulário próprio em que palavras que pudessem suscitar pensamentos contrários ao sistema fossem eliminadas da *Velhafala*. Para isso, foi necessária a sua divisão em três categorias distintas:

¹ Tradução mais adequada do termo original *Newspeak*.

² Professor das disciplinas de Português Jurídico no Cesuca, Membro do Núcleo Estruturante do Curso de Direito no Cesuca, Mestre e Doutor em Linguística Aplicada na PUCRS

Vocabulário A, B (abrangendo as palavras compostas) e C. Convém destacar que essa tradução literal provoca problemas na sua compreensão linguística em função de que *fala* e *língua* são processos de natureza diferente, constituindo-se como um dos objetos deste artigo.

Em vários livros, documentários, artigos, reportagens e outros tipos de mídia, empregam-se também os termos *Novalíngua* e *Novilíngua*. O termo original para essas traduções deveria ser *Newlanguage*, com alusão ao significado de *língua* e não de *linguagem* para o termo *language*. Na Língua Inglesa, essa palavra é utilizada com as duas acepções, *língua* e *linguagem*, sendo necessário o contexto para a apreensão do seu significado.

Essa diversidade terminológica gera no leitor uma falsa ideia de que a sinonímia pode ser aplicada sem prejuízo de entendimento. Fala e língua são dois fenômenos linguísticos distintos tratados neste artigo e que dão consistência linguística para embasar a apresentação dos equívocos provocados por Orwell.

Importante dar um crédito ao dicionário enciclopédico da internet, a Wikipédia³, pois é uma fonte de pesquisa da maioria dos internautas e também porque suas definições hoje já estão sendo confirmadas pela comunidade científica, principalmente da área linguística, fazendo inclusive um link das expressões ao site da Digestivo Cultural⁴:

Novilíngua ou **novafala**^[1] é um idioma fictício riado pelo governo hiperautoritário na obra literária *1984*, de George Orwell. A novilíngua era desenvolvida não pela criação de novas palavras, mas pela "condensação" e "remoção" delas ou de alguns de seus sentidos, com o objetivo de restringir o escopo do pensamento. Uma vez que as pessoas não pudessem se referir a algo, isso passa a não existir. Assim, por meio do controle sobre a linguagem, o governo seria capaz de controlar o pensamento das pessoas, impedindo que ideias indesejáveis viessem a surgir.

³ É um site que serve como enciclopédia livre, sendo os artigos criados e editados por uma grande comunidade virtual e que freqüentemente são revisados por administradores do site.

⁴ O *Digestivo Cultural* é um dos mais importantes *sites* do Brasil em matéria de jornalismo cultural. Não é um portal (embora entregue mais de 1 milhão de *pageviews* mensais); e não é um *blog* (embora possua um). Não trata de "cultura" no seu sentido mais amplo (pois quando "tudo é cultura, nada é cultura" — Teixeira Coelho); mas faz jornalismo cultural (crítica de livros, discos, filmes, peças, programas, exposições, publicações, *sites* e até restaurantes).

E por sua qualidade cultural, apresenta com propriedade o relançamento da obra 1984 (ORWELL, 2009) destacando que os seus tradutores deixam claro que a tradução equivocada das anteriores já causava um certo desconforto e que foi alterada para dar um caráter linguístico mais preciso à expressão *Newspeak*:

Digestivo nº 427 >>> Dentro da programação de relançamentos da obra de George Orwell, que a Companhia das Letras vem promovendo, acaba de sair 1984, com três posfácios que são um tesouro (além da obra em si). Este 1984, edição 2009, também inclui o apêndice dedicado à "novilíngua", que Alexandre Hubner e Heloisa Jahn traduziram por "novafala" (acreditando na proximidade maior com o original, "newspeak").

Para explicitar as diferenças de tradução do termo *Newspeak*, apresentam-se a seguir três obras em que são exemplificados alguns de seus vocábulos como também o nome dos ministérios responsáveis pela disciplina do regime:

1o. The Ministry of Truth—Minitrue, in *Newspeak**—was startlingly different from any other object in sight (...) The Ministry of Truth, which concerned itself with news, entertainment, education, and the fine arts. The Ministry of Peace, which concerned itself with war. The Ministry of Love, which maintained law and order. And the Ministry of Plenty, which was responsible for economic affairs. Their names, in *Newspeak*: Minitrue, Minipax, Miniluv, and Miniplenty, (ORWELL, 1977, p.4).

2o. O Ministério da Verdade - ou Miniver, em *Novilíngua* - era completamente diferente de qualquer outro objeto visível. (...) Eram as sedes dos quatro Ministérios que, entre si, dividiam todas as funções do governo: o Ministério da Verdade, que se ocupava das notícias, diversões, instrução e belas artes; o Ministério da Paz, que se ocupava da guerra; o Ministério do Amor, que mantinha a lei e a ordem; e o Ministério da Fatura, que acudia às atividades econômicas. Seus nomes, em *Novilíngua*: Miniver, Minipaz, Miniamor e Minifarto (ORWELL, 2004, p. 7, 8).

3º. O ministério da verdade—miniver, em *novafala**— era extraordinariamente diferente de todos os outros objetos a vista (...) O ministério da verdade, responsável por notícias, entretenimento, educação e belas-artes(...) o ministério da verdade, responsável por notícias, entretenimento, educação e belas artes. O ministério da paz, responsável pela guerra. O ministério do amor, ao qual cabia manter a lei e a ordem. O ministério da punjança, responsável pelas questões econômicas. Seus nomes em *Novafala*: miniver, minipaz, miniamor e minipuja. Orwel (ORWELL, 2009, p.14).

Na primeira, destaca-se o termo original *Newspeak*; na segunda, *Novilíngua* (ou *Novalíngua*); na última, *Novafala*.

Essas duas expressões, língua e fala, fazem oposição entre si e ambas compõem uma das dicotomias de Saussure⁵ e que somadas chega-se ao resultado chamado linguagem. (SAUSSURE, 1975). Os termos idioma⁶, dialeto⁷ e idioleto⁸ ao presente estudo, tornando-se necessária uma retrospectiva desde as primeiras reflexões sobre a origem da linguagem como fundamento para a tentativa de entendimento do propósito e equívoco de Orwell.

Antes de passar para a próxima seção, uma informação linguística de caráter geral se faz necessária a distinção de *vocabulário* e *dicionário* para melhor entendimento da seção 3. A única obra que baliza e que contém todos os registros de vocábulos no Brasil é o *Vocabulário⁹ Ortográfico da Língua Portuguesa - VOLP* (ABL, 1981¹⁰ e 2009¹¹), editado pela Academia Brasileira de Letras – ABL. Ao lado de cada um deles estão informações de ordem gramatical, mas todos desprovidos de significado. Dizendo de outra forma, o VOLP elenca todos os vocábulos da Língua Portuguesa, constituindo-se, como foi dito, como a única fonte oficial de pesquisa linguística. Se o vocábulo não está registrado, teoricamente não existe. Por outro lado, os dicionários já tem característica e funções diferentes: contêm as palavras e seus respectivos significados que de maior incidência no Português Brasileiro¹². Par citar um exemplo, um dos que tem maior credibilidade linguística é o Houaiss, em formato livro e eletrônico. O nome desse dicionário deve-se ao próprio autor, que foi um dos colaboradores da primeira edição do VOLP. Importante ressaltar e reforçar que a diferença desses termos, *vocabulo* e *palavra*, é para diferenciá-los metodologicamente em função da restrição de significado de cada um deles.

⁵ Autor da obra Curso de Linguística Geral que estabeleceu as bases para dar o caráter científico aos estudos de linguagem: a Linguística. Obra que foi escrita por seus alunos e publicada em 1916.

⁶ Variação da língua usada em uma determinada comunidade.

⁷ Variação de língua distinta em termos sociais e regionais.

⁸ Termo para caracterizar um sistema linguístico de um falante individual.

⁹ Conjunto de vocábulos de uma língua, sem o registro de significados.

¹⁰ Com orientação de Antonio Houaiss, membro da Academia das Ciências de Lisboa.

¹¹ O primeiro com as novas Regras do Acordo Ortográfico de 1990 e de 2009, com orientação de Evanildo Bechara, membro da ABL.

¹² Ainda não se constitui como língua e sim idioma.

2. Breve histórico das primeiras reflexões sobre a origem da linguagem: fundamentos.

As incógnitas que o homem cria em função de si mesmo e de seu contexto é o fato motivador da evolução científico-cultural desde a sua origem até os dias de hoje. Em se tratando de linguagem e antes de refletir sobre ela, ele tentou buscar justificativas para a quantidade de línguas faladas no mundo. Surge aí o famoso mito da Torre de Babel¹³, que foi citado em um dos livros do Pentateuco¹⁴: o Gênesis, escrito por Moisés, segundo Teologia tradicional, no entanto há outras teorias que discordam dessa autoria. Como nosso foco é outro, torna-se irrelevante neste momento discorrer sobre essa divergência. O importante são as duas passagens sobre o que aconteceu nessa torre:

Ora, em toda a terra havia apenas uma linguagem e um só maneira de falar. Sucedeu que, partindo eles do Oriente, deram com uma planície na terra de Sinar; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: Vinde, façamos tijolos e queimemo-los bem. Os tijolos serviram-lhes de pedra e o betume, de argamassa. Disseram: Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo tope chegue até aos céus e tornemos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra. Então, desceu o Senhor para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens edificavam; e o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro. Destarte, o Senhor os dispersou dali pela superfície da terra; e cessaram de edificar a cidade. Chamou-se-lhe, por isso, o nome de Babel, porque ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a terra e dali o Senhor os dispersou por toda a superfície dela. (BÍBLIA, 2009, p. 30-31)

A primeira foi quando construíram a torre com a pretensão de se manterem em um lugar só, e a segunda o que eles não esperavam: a destruição de seu propósito pela multiplicidade de linguagem como processo que deu origem às línguas.

¹³ É nome de uma cidade babilônica que deu origem à palavra ‘babel’, agora um topônimo que significa *confusão e mistura de línguas*; por derivação (extensão de sentido), pode ser também *confusão de vozes e algazarra* e (sentido figurado) *movimentação barulhenta de pessoas, balbúrdia e tumulto* (HOUAISS, 2009)

¹⁴ Nome dado ao conjunto de cinco livros que se referem ao Velho Testamento escrito por Moisés. Os outros quatro são Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. (BÍBLIA, 2009, p. 30, 11.)

A partir do preâmbulo de uma milenar explicação sobre a origem da linguagem sob o prisma mitológico, a primeira reflexão que efetivamente se tem conhecimento sobre a linguagem está em um dos diálogos de Platão: Crátilo (Grécia, 428 a.C. – 347 a.C.). Essa obra apresenta a discussão sobre a natureza dos nomes com três filósofos: Crátilo, Hermógenes e Sócrates. O primeiro argumentava que os nomes não eram o mais importante, mas sim a sua essência, dizendo que as coisas seriam elas mesmas independentemente do nome que tinham. Por outro lado, Hermógenes sustentava a necessidade dos nomes para designar as coisas, afirmando tratar-se de um “legislador” para a atribuição desses nomes. Eles tinham um brilhante intermediador que os questionava a partir de suas afirmações: Sócrates. Seu método para que os diálogos fossem produtivos consistia em gerar muitas perguntas induzindo os seus interlocutores a descobrir o que não pensavam que poderiam saber. Interessante que ele aceitava os argumentos de ambos, inclusive dando-lhes razão. Mas como dar razão aos dois se eles estavam discordando sobre suas concepções? Bem, aí entra a genialidade de Sócrates: aprender com o que os outros diziam, provocando-os a buscar mais conhecimento em suas aulas para continuarem suas discussões. Na verdade, ele não se posicionou em relação a nenhum dos dois porque sentiu que realmente cada um deles tinha razão em seus argumentos. Ele, Sócrates, naquela época não distinguia linguagem de língua, o que hoje fica muito claro: Crátilo, ao se posicionar pela natureza dos nomes, falava de linguagem; Hermógenes, argumentando pela nominalização, caracteriza-se pelo convencionalismo. Língua é convenção e toda convenção é mutável. Será que Orwell sabia disso?

Centenas de anos se passaram, e aquelas reflexões foram vieram à tona com mais força no século XVII com o famoso *Debate da Tábula Rasa*, em que Leibniz e Locke discutem se a linguagem é inata ou adquirida. O primeiro retoma o filósofo Platão, com a corrente do Naturalismo/Mentalismo; o outro busca a corrente do Convencionalismo, em que Aristóteles é o seu suporte. Leibniz defende que as ideias já estão no cérebro e são inatas, retomando Platão em “são representações que estão na alma antes de qualquer impressão pelos sentidos e são eles que podem atualizá-las”. Dizendo de outra forma, as ideias são inatas e são as que permitem a aquisição de conhecimento e a subjetividade humana. Opondo-se a essas afirmações, Locke sustenta

que o conhecimento só pode ser adquirido pela experiência¹⁵, retomando assim Aristóteles em sua célebre afirmação “não existe nada no espírito humano que antes não tenha passado pelos sentidos”. Pode-se com isso fazer uma analogia ao famoso já citado diálogo de Platão: Crátilo está para Platão e Leibniz, como Hermógenes para Aristóteles e Locke. Conclui-se a partir disso que a linguagem é inata e é uma capacidade que se tem para adquirir as línguas.

Recentemente surgiu uma obra homônima ao debate: *Tábula Rasa*, de Steven Pinker, em que uma frase interrogativa, no prefácio do livro (pág. 9), já induz os leitores para um pressuposto da certeza: “... Ainda existe gente que acredita que a mente é uma tábula rasa?” como provocação para os incrédulos. Destaca-se aqui um excerto necessário para que se entenda o instigante desafio de Pinker:

Esse argumento contra a tábula rasa foi exposto energicamente por Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) em uma réplica a Locke. Leibniz repetiu o lema do empirismo: “Não existe nada no intelecto que não estivesse primeiro nos sentidos”, e acrescentou: “exceto o próprio intelecto”. *Alguma coisa* na mente tem de ser inata, se ela é apenas o mecanismo responsável pela aprendizagem. (...) *Alguma coisa* tem de inferir o conteúdo de uma sentença em vez de papaguear as palavras exatas em resposta. (PINKER, 2008, pág. 59)

Nessa dicotômica discussão, pode-se fazer uma relação do que afirmou Pinker (2008): “Alguma coisa na mente tem de ser inata” com “inferir o conteúdo de uma sentença”, em que a primeira frase se refere à linguagem como capacidade para a comunicação, e a segunda, o mecanismo sentença como uma estrutura morfossintático-semântico da língua.

E a fala? É possível de se construir um sistema baseado somente na fala? Para traçar um paralelo linguístico com o objetivo de Orwell, as dicotomias *língua/fala*, *significante/significado* e *sincronia/diacronia* são apresentadas por Saussure, a fim de se fazer a analogia com os vocábulos e significados contidos na Novafala de Orwell.

Na dicotomia *língua/fala*, em que a primeira é um fenômeno social e a outra é estritamente particular, Saussure continua seu estudo afirmando que a *língua* é um tesouro depositado na cabeça de cada indivíduo pela prática da fala. Ou seja, a *fala* antecede a *língua*, que se estrutura na forma escrita com o objetivo de estabelecer

¹⁵ Ver Empirismo de Locke.

padrões para que a *fala* também os obedeça, entrando assim em uma circularidade que pode provocar equívocos de entendimento.

Mas o objeto linguístico de Saussure está no signo linguístico, que contém a dicotomia *significante/significado*, que é mental e está “depositado” na cabeça de cada indivíduo. *Significante* é a forma sonora da palavra escrita e que representa o *significado*, que é um conceito ou idéia. Dizendo da forma como Saussure o definiu, o *significante* é a imagem acústica e o *significado* o seu conceito, constituindo-se aí uma arbitrariedade do signo. É como se fosse uma folha de papel em que um não existe sem o outro, nem o *significante* existe sem o *significado* e vice-versa. E para que se tenha significação, é preciso que haja relação entre signo e a coisa, signo e o conceito e signo e acontecimentos. Por que o termo arbitrariedade nessa relação dicotômica? Parece que Orwell entendia bem disso (arbitrariedade) e fez bom uso na criação da Novafala.

E o tempo em Saussure também foi considerado, pois os signos¹⁶ foram sendo concebidos dia a dia desde a sua origem. *Sincronia/diacronia* é mais uma das dicotomias necessária para fundamentar a análise do Novafala. *Sincronia* estuda os signos em um determinado tempo linguístico e se caracteriza pela sua imutabilidade, ou seja, em linhas gerais, é um estudo para compor todo o léxico¹⁷ de um língua em um determinado momento em uma comunidade linguística. Já o termo *diacronia* estuda esses signos diacronicamente, ou seja, cronologicamente desde a sua origem. É um estudo etimológico¹⁸ e acontece dentro de um período definido pelo linguista. Obviamente que este é mutável. (SAUSSURE, 1975)

É certo que, pela prática da fala, dia a dia os signos podem se alterar, mas o termo *sincronia* é para ser entendido como estudo em que esses signos sejam imutáveis em sua relação *significante/significado*. Na verdade, é um termo metodologicamente assumido para a imutabilidade, o que não acontece com *diacronia*, que é um estudo cronológico e mutável por natureza.

¹⁶ Existem signos de outros tipos, mas neste artigo é o estritamente linguístico, não necessitando de seu adjetivo para delimitá-lo como signo linguístico.

¹⁷ Entenda-se aqui como um conjunto de palavras de um língua.

¹⁸ Disciplina que trata da descrição de uma palavra em diferentes estados de língua anteriores, até remontar ao étimo (HOUAISS, 2009)

Último teórico dos estudos de linguagem deste artigo, Chomsky contribui com a dicotomia *competência/desempenho*. Ele se baseia em que o indivíduo tenha a capacidade inata para a linguagem, especificamente para a aquisição da língua e que é representada por uma estrutura gramatical mental capaz de produzir infinitas sentenças com um número finito de palavras e de regras. É uma capacidade genética que pessoa tem para essa aquisição. Começa a sua teoria definindo *competência*: é um conjunto de regras internalizadas que permite o indivíduo produzir, entender e avaliar enunciados de qualquer língua, mas que é desprovido de consciência dessas regras. Quanto ao *desempenho*, é a realização do que se fala, ouve, escreve ou lê e está ligado diretamente à *competência* de cada um. (CHOMSKY, 1980)

Chomsky desenvolveu muitos outros trabalhos, mas o outro mais destacado para este artigo, é com relação ao Gerativismo. Ele desenvolveu uma gramática universal - GU, presente em todas as línguas, que tem como fundamentos a dicotomia já referida, e a outra é a gramática particular, em que a pessoa se utiliza da gramática universal e das nuances de sua própria língua. Fica claro que a *competência* está ligada à GU e é comum a todas as línguas e não se altera por nenhum motivo, mas o *desempenho* pode ser influenciado pela situação emocional com que se encontra o indivíduo. É somente para registrar o contraste que está sendo produzido pelo conhecimento que se têm das regras quando se faz uso delas. Dizendo de outra forma, Chomsky afirma que a investigação do desempenho da pessoa depende de como se “compreende a competência”. Mas tudo isso são teorias que Chomsky introduziu na Linguística e tem a consciência de que a *competência*, seu objeto de estudo é para um falante-ouvinte ideal e que pertença a uma comunicade ideal. (CHOMSKY, 1998)

Para o estruturalista, a língua é um sistema homogêneo, um conjunto de signos exterior aos indivíduos que deve ser estudado separado da fala. Por outro lado Chomsky em sua teoria gerativista afirma que os seres humanos apresentam uma predisposição genética que permite a aquisição da linguagem. Segundo ele, a língua é um sistema de princípios radicados na mente humana. Noam Chomsky relaciona, ainda, a aquisição da língua a termos conhecidos como: competência e desempenho. Chomsky principiou a teorização da Gramática Gerativo-transformacional, na qual reformula o conceito de.

Finalizando a seção de fundamentos, assim como Platão e Aristóteles, Crátilo e Hermógenes, Leibniz e Locke têm na mesma fonte de discussão a *linguagem* e a *língua*

como objetos bem definidos, Saussure e Chomsky também. O primeiro é estruturalista e estuda a *língua* e outro, também estruturalista, mas do nível mental-cognitivo, estuda a *linguagem*.

3 Relação Linguística e Novafala

Esta seção pretende fazer uma analogia do que se faz linguisticamente e o que Orwell pretendeu com a aplicação da Novafala. Alguns diálogos serão extraídos da livro, mas a descrição será em função de seus personagens e não do autor, como também de toda a situação correspondente que permeia essa obra.

No primeiro, o contexto é o do Ministério da Verdade, em que Winston trabalhava para o partido com a função de falsificar notícias do passado e do presente para depois publicá-las. O seu interlocutor fala sobre a atualização de uma edição da Novafala para outra, em que palavras são eliminadas por estarem obsoletas. Na verdade, foram os detentores do poder que criaram esse mecanismo “linguístico” para poderem monitorar o povo, impedindo manifestações contrárias ao regime como também a eliminação de outras línguas. Para isso, gradualmente palavras que fossem oportunizar ao povo opiniões perniciosas ao regime seriam eliminadas dos Vocabulários A, B ou C, sendo geradas novas edições periodicamente até 2050, ano em que a língua fosse a única referência de comunicação da humanidade.

- O que eu de fato queria te dizer, a propósito do artigo, é que notei o uso de duas palavras obsoletas. Que se tornaram obsoletas muito recentemente. Já viste a décima edição do Dicionário de Novilíngua? Não. Não creio que já tenha sido publicado. No Departamento de Registro ainda usamos a nona. - Creio que a décima edição só será publicada daqui a alguns meses. Mas foram preparados alguns exemplares especiais, de amostra. E eu recebi um. Talvez gostasse de examiná-lo?- Apreciaria imenso - disse Winston, percebendo imediatamente aonde levava a conversa, (ORWELL, 2004, p.153).

Percebe-se aqui uma atualização de dicionários, nos quais algumas palavras são eliminadas porque a comunidade as tornou obsoletas. Lexicógrafos são os profissionais que atuam nesses tipos de obra.

O excerto abaixo mostra um dos termos inseridos na Novafala como sendo uma palavra que o poder entende como pertencente elenco da nova edição desse mecanismo de controle.

Em princípio, um membro do Partido não tinha horas vagas, e não ficava nunca só, exceto na cama. Supunha-se que quando não estivesse trabalhando, comendo ou dormindo, devia participar de alguma recreação comunal; era sempre ligeiramente perigoso fazer qualquer coisa que sugerisse o gosto pela solidão, mesmo que fosse apenas passear sozinho. Em Novilíngua havia uma palavra para isso: *proprivida*, e significava individualismo e excentricidade (Orwell, 2004, p. 83)

A introdução de novas palavras nos dicionários obedecem a critérios de derivação e de neologismos. Por derivação se entende que a raiz da palavra já exista e que são introduzidos afixos, podendo ser prefixos, infixos e sufixos; para o neologismo não existe motivação linguística, bastando somente “batizar” o que precisa dando um nome qualquer. E foi o que aconteceu acima.

Outro exemplo com características diferentes para a Novafala, mas que são introduzidas pelo critério da mudança gramático-classificatória também fazem parte deste estudo. Destaca-se a palavra Anticlíngua como o primeiro nome para o “novo dicionário” antes da criação do Novafala. Pode-se entender essa transição em virtude de o antigo termo se referir à língua inglesa como a forma opositiva para eliminar a anterior, pois Orwell, quando começou a escrever em 1948, ainda não tinha em mente criar um outro termo que não tivesse relação com a língua de que fazia uso, o inglês. As palavras contidas na Anticlíngua (S para substantivo e V para verbo): Pensamento (S) transformou-se em Pensar (V e S); Cortar (V) e Faca (S) transformou-se em Faca (V e S). Essa transformação tinha endereço certo: Novilíngua; e duas palavras foram destruídas: Pensamento e Cortar. A ideia realmente era de reduzir tanto as palavras como a sua própria classificação gramatical. (ORWELL, 2004, p. 289)

. Esses são alguns exemplos de como se constitui a Novafala. A amostragem já é suficiente para o cotejamento entre os fundamentos linguísticos e a proposta de Orwell.

Conclusão

Diante do que foi exposto, o leitor já conhece os principais fundamentos acerca das questões linguísticas que estão subjacentes à concepção de Orwell. Com esse esclarecimento, a possibilidade de poder buscar respostas para as reflexões que surgirem ao longo da leitura e das releituras da obra, tanto de caráter pessoal como acadêmico, fica viabilizada.

Um dos objetivos mais importantes na elaboração de um artigo é levar aos estudiosos e pesquisadores resultados sucintos baseados em pesquisas com métodos bem definidos. Este é o padrão, mas existem outras maneiras para divulgar conhecimento na forma de artigo, que é o caso deste.

A proposta geral deste estudo foi a de fundamentar os leitores para o melhor entendimento da obra de Orwell, especialmente na aplicação de um instrumento de poder para o domínio de um povo: a Novafala. Mas, diante de tantas peculiaridades linguísticas juntamente com os exemplos apresentados pelos diálogos, surgiu a necessidade de promoverem discussões acadêmicas dentro das salas de aula, em seminários ou em lugares que propiciem a divulgação de conhecimentos.

E para aumentar a complexidade do problema, mas de certa forma auxiliando com instrumentos de análise para reflexão, a seguir são apresentadas as questões para nortear a discussão e despertar no aluno a busca de argumentos consistentes para resolver essas indagações.

- 1) Será que ele teria adotado esse *Newspeak* se soubesse a diferença entre língua e fala? E se essas traduções para Novalíngua e Novilíngua estão certas, por que o termo original não é *Newlanguage*?
- 2) Será que realmente foi equívoco ou não fazia diferença a aplicação do termo *Newspeak*? Ou o equívoco foi somente na proposta de gerar um código restrito?

- 3) Seria Orwell adepto de qual corrente, a de que a língua é inata ou adquirida? Estaria voltado para as afirmações de Platão ou Aristóteles? E a Novafala se teria coerência com a corrente definida pelo próprio Orwell?
- 4) Como Orwell pensou em criar um sistema desse tipo que pudesse se constituir como um código restrito, imutável e completamente hermético para o ano de 2050?
- 5) Se a *fala* é particular e atua constituindo uma *língua*, por que o sistema Novafala não pode ser derivada do próprio povo?
- 6) Mas será que daria certo criar um código restrito imutável como fez Orwell? Estaria esse código de acordo com a natureza do signo linguístico de ser arbitrário?
- 7) Parece que a Novafala poderia ser estudada por uma dessas vias, sincronia ou diacronia? Por quê?
- 8) Se Orwell tivesse conhecido as ideias de Chomsky para a Gramática Universal, é possível que ele tivesse agregado mais elementos linguísticos à sua Novafala?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABL, *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. orientação Antônio Houaiss, Rio de Janeiro: Bloch Editores:, 1981.

_____, *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Global Editora, 2009.

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. 2ª. ed. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

CHOMSKY, Noam. Estruturas Sintáticas. Portugal: Edições 70, 1980.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. *Houaiss Eletrônico*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

DIGESTIVO_CULTURAL

http://www.digestivocultural.com/editoriais/release.asp?codigo=172&titulo=FAQ_Digestivo, 23/02/2013

ORWELL, G. 1984 - Signet Classics. 130ª ed. USA: Penguin Group, 1978.

_____. 1984. Tradução de Wilson Velloso. 22ªed. São Paulo: Editora Nacional, 1991.

_____. 1984. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. Posfácios de Erich Fromm, Bem Pimlott e Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PINKER, Steven. *Tábula Rasa* : a negação contemporânea da natureza humana ; tradução Laura Teixeira Motta. 2ª. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Linguística Geral. 7ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1975